



BRUNO MELLO

THE PICK CODE

AS 7 VARIÁVEIS NA
TÉCNICA DA PALHETADA

Introdução

A palhetada alternada é, na minha opinião, a técnica mais difícil de ser desenvolvida. E isso acontece porque existe um maior número de variáveis que precisam ser observadas e lapidadas comparado com outras técnicas.

Nesse evento, vou te apresentar as 7 variáveis que constituem a técnica, como inclinação da palheta, apoio, origem de movimento, reflexo muscular, movimento consciente, e outras abordagens que você não vê na maioria dos cursos de guitarra do mercado.



1. Palhetada Alternada

Crosspicking: Trata-se de um movimento muito natural que surge de cada um ao tocar um instrumento de cordas. Geralmente obtêm-se ele ao tocar algumas escalas de forma lenta. Ele é classificado por um movimento de "U" acima das cordas, e tem uma amplitude grande. Por isso, é uma técnica que exige muito controle para desenvolver velocidade. Por tratar-se de um movimento longo, o gasto de energia muscular é muito alto por nota tocada.

Tremolo Picking: Outro movimento natural que nos surge, porém geralmente ao tentar tocar rápido. Faça um teste: Apenas chacoalhe a mão e tente tocar rápida uma corda solta. Repare que o movimento obtido nesse momento é diferente do movimento quando você toca lento. Pode ser que não seja seu caso, mas é o caso da maioria.

Esse movimento é advento de um reflexo muscular. E é nessa área de reflexo muscular que trabalharemos as altas velocidades. Portanto é muito importante que você, mentalmente entenda a diferença da zona de reflexo muscular e a zona de consciência muscular.

O tremolo picking é um movimento mais curto que o crosspicking, e pode ser executado de mais de duas formas: Com a palheta inclinada ou com a palheta paralela.

O que nos leva a próxima variável.

2. Inclinação da palheta (pickslanting)

A inclinação da palheta é uma forma muito usada de conseguir evitar o "**string hopping**", que é "pulinho" que a gente dá quando precisa palhetar a próxima corda, e a última nota terminou com a palhetada no sentido inverso.

Essa abordagem facilita muito a saída da palheta entre as cordas, e faz com que a troca de cordas flua com muito mais naturalidade.

Existe uma limitação, que em ordem de sempre manter o mesmo ângulo de inclinação, você precisa manter o mesmo número de notas por corda durante toda a frase. Isso em alguns casos pode vir a atrapalhar.

Muitos guitarristas usam apenas um ângulo de inclinação e nesses momentos de limitação do pickslanting, optam por fazer a próxima nota com sweep picking, ligados ou qualquer outra técnica.

Isso pode ajudar muito você a desenvolver seu estilo. Pois muito do que é o fraseado de cada um, é a forma como cada um contornou suas dificuldades.

Caso o seu estilo não permita essa limitação, então você terá que ir além, e buscar o uso de dois ângulos de palheta e/ou o movimento de palheta parela.

Downward Pickslanting: É a inclinação pra baixo. Muito usada por inúmeros guitarristas e traz a pegada mais agressiva que existe na técnica de palhetada alternada.

Essa agressividade se dá o fato de que nesse ângulo, o movimento fica com o ataque para baixo, trabalhando junto com a gravidade. Isso faz com que a corda afunde um pouco, trazendo uma sonoridade de palheta arrastada. Dá a impressão de que o guitarrista está esmurrando cada nota no seu rosto.

Caras, como Jeff Loomis, John Petrucci, Zakk Wylde possuem essa sonoridade muito forte no som deles, e muito disso vem porque usam esse tipo de ângulo.

A desvantagem é que ele gasta menos energia que o crosspicking, mas ainda assim é o mais "gastão" das técnicas de tremolo picking.

É necessário bastante observação durante os treinos para dosar a dinâmica certa ao usar essa técnica. Caso contrário o movimento pode ser muito amplo e sua energia queimará muito rápido.

É muito mais fácil você tocar forte demais do que mais fraco com esse tipo de ângulo.

Upward Pickslanting: É a inclinação para cima. Traz um som mais redondo e um movimento mais contido. Esse ângulo faz com que seja mais fácil de acelerar, pois o apoio fica na parte da palma próximo ao polegar, oposto a "faca da mão".

É um movimento que tem uma grande economia de energia, por conta do apoio ser interno, o movimento fica automaticamente contido.

Fica mais propício a começar com a primeira palhetada pra cima, acentuar para cima, e etc. Vejo caras como Andy James e Rick Graham, usando esse tipo de ângulo.

Palheta Paralela: Ela é muito próxima ao upward pickslanting, pois as duas usam o mesmo tipo de apoio. Traz um som bem parecido com o upward pickslanting também, e requer muito controle de movimento para funcionar com eficácia.

A palhetada paralela consiste em usar o "string hopping" ao seu favor, afundando o menos possível a palheta entre as cordas, e fazendo o "pulinho" da troca de cordas forma mais contida possível.

É muito necessário estar ciente da amplitude de movimento pra fazer essa técnica funcionar com fluidez.

Eu mesmo só cheguei nessa técnica depois de conseguir desenvolver os outros dois ângulos.

A vantagem dela, é que ela não tem a limitação de notas por corda como tem a técnica com ângulo inclinado. Porém, ela não é uma forma natural em muitas pessoas. Precisa ser desenvolvida do zero, desde a musculatura consciente para só então depois conseguir dominar ela em reflexos musculares.

3. Área do corpo

A palhetada alternada pode vir de diferentes áreas do braço. Elas são:

Pulso: A maioria das pessoas usa o pulso pra palhetada alternada. Ele pode ser usado com movimento de pronação ou rotação, conforme o apoio.

Dedos: A mão e o braço ficam praticamente estáticos e a palhetada vem do movimento do polegar e dos dedos que seguram a palheta.

Antebraço: A mão e o pulso ficam parados e movimento sai do cotovelo. Movimento todo o antebraço com ele

Todas as formas funcionam. Você pode dominar todas elas, ou escolher o que vai ser mais útil para você no momento em que se encontra.

4. Apoio

A forma com que você apoia o braço e a mão na guitarra fazem muita diferença em como sua técnica vai operar.

Existem basicamente dois tipos de apoio:

Externo: O apoio fica na "faca da mão", na parte externa da zona de movimento, próximo a ponte.

Interno: O apoio fica na base do polegar, coexistindo com a zona de movimento, em cima dos captadores, ou entre eles.

5. Ângulo da Palheta

Usar a palheta paralela ou angulada muda basicamente o som. Se você angular para a frente, ou para trás, o som é basicamente o mesmo.

Mas ao angular, o atrito entre a palheta e as cordas é menor, facilitando na troca de cordas.

Não angular, mantendo a palheta paralela, trará um ataque mais límpido, porém aumenta a dificuldade na troca de cordas.

6. Dinâmica/Rebote da corda:

Você está tocando um instrumento de cordas. Cordas vibram. E se você vai ter que tocar ela inúmeras vezes, você vai ter que aprender a trabalhar junto com o rebote da corda.

Entenda: Ao palhetar várias notas, a corda não para de vibrar pra você dar a próxima nota. Você tem que pegar a corda "na volta" do movimento. Eu chamo de rebote.

Em ordem desse rebote ser efetivo, é necessário que você encontre o ponto de dinâmica perfeito. Não muito forte, nem muito fraco.

7. Troca de cordas

Seja você tocando números pares por cordas, números ímpares, ou padrões irregulares, a troca de corda sempre estará presente.

Existem 4 fatores nessa variável que devemos observar:

Outside picking: Quando trocamos de corda "por fora" das cordas. O movimento de alternância faz com que passemos por cima das cordas e não existe o "string hopping".

Inside picking: Quando trocamos de corda "por dentro" das cordas. Aqui acontece o string hopping, e é um fator bem importante de entender as formas como contornar isso.

Primeira nota pra baixo: Iniciar um determinado número de palhetadas em uma corda com a primeira palhetada pra baixo é uma coisa. Um tipo de treino, um movimento.

Primeira nota pra cima: Esse já é o movimento oposto. E muito do som "engasgado" que existe na palhetada alternada, vem de um déficit em não isolar e perceber esse movimento dentro da técnica. Estamos muito acostumados a começar com a primeira nota pra baixo nos exercícios,

porém no meio de músicas ou padrões irregulares, podemos ser obrigados a começar com a primeira nota pra cima, fazendo com que o movimento fique invertido e seja necessário fazer um trabalho de memória muscular exclusivo pra esse movimento.

